

fica aporta ao pesquisador um bom conhecimento do ambiente em que vive e trabalha a população que ele estuda, as entrevistas dão acesso à experiência vivida dos indivíduos, enquanto que os dados estatísticos fornecem uma medida cifrada dos fatos sociais. Muito frequentemente, o objeto de estudo e o tipo de questionamento comandam o recurso a uma ou várias abordagens metodológicas, mas uma dentre elas é privilegiada em relação às outras. No caso de uma pesquisa por questionário, o trabalho etnográfico prévio tem geralmente uma função exploratória na elaboração do questionário; no quadro de uma pesquisa qualitativa, os dados estatísticos constituem a maior parte do tempo dados de enquadramento que contribuem pouco para a análise. Em todas estas situações, os métodos são justapostos e uma abordagem é subordinada à outra.

Existem poucas pesquisas que aliam verdadeiramente os dois métodos, qualitativo e quantitativo, atribuindo-lhes um estatuto igual em sua participação na análise. Esta participação, no entanto, permite pousar um duplo olhar sobre um mesmo objeto. Nestes casos, um trabalho etnográfico consequente é associado à exploração estatística de bases de dados oriundos da elaboração do questionário junto a amostras importantes de objetos ou populações-alvo. Alguns questionamentos encontram então respostas graças à abordagem compreensiva das entrevistas ou das observações etnográficas, ao passo que outros necessitam da abordagem quantitativa e estatística. Além disso, os resultados obtidos com o auxílio de um método podem ser validados, invalidados ou relativizados pela outra abordagem. Utilizados de maneira complementar, os dois métodos, qualitativo e quantitativo, se nutrem mutuamente, aportando assim uma mais-valia científica ao trabalho de pesquisa, cada um respondendo então a um questionamento preciso, sem que nenhum deles seja subordinado ao uso ou aos resultados do outro. Segundo Anthony J. Onwuegbuzie e Nancy L. Leech<sup>164</sup>, um dos argumentos antecipados pelos partidários da aliança dos dois métodos consiste em dizer que eles permitem um uso mais compreensivo da pesquisa ausente nos trabalhos unicamente quantitativo ou qualitativo. Para Greene et al.<sup>165</sup>, este modo de trabalhar pode ter cinco funções: a “triangulação” (buscar fazer convergir ou corroborar resultados provenientes de diferentes métodos estudando o mesmo fenômeno); a “complementaridade” (buscar elaborar, ilustrar, valorizar ou clarificar os resultados de um dos métodos com os resultados do outro); o “desenvolvimento” (utilizar os resultados de um dos métodos para auxiliar na interpretação dos resultados de outro método); a “iniciação” (descobrir paradoxos e contradições que levam a reconsiderar a questão de pesquisa)

---

164. ONWUEGBUZIE, A.J. & LEECH, N.L. “Enhancing the interpretation of ‘significant’ findings: The role of mixed methods research”. *The Qualitative Report*, vol. 9, n. 4, 2004, p. 770-792.

165. GRENE, J.C.; CARACELLI, V.J. & GRAHAM, W.F. “Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs”. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, vol. 11, 1989, p. 255-274.

e a “expansão” (tentar entender a amplitude e o alcance da pesquisa utilizando elementos da pesquisa para confrontá-los com outro método). Todas estas questões estão mais ou menos presentes nas pesquisas que aliam os dois métodos: o quantitativo e o qualificativo. Anthony e Nancy sublinham igualmente que a vinculação entre técnicas qualitativas e quantitativas dão ao pesquisador certa liberdade quanto à distância que ele decide adotar em relação ao seu objeto de estudo. Munido de uma espécie de luneta, o pesquisador tanto pode olhar a paisagem em seu conjunto quanto, ao contrário, fazer um *zoom*, focando alguns detalhes deste panorama. Todas estas especificidades tornam pertinente e heurísticamente fecunda a aliança dos métodos. Trata-se agora de explicar o porquê e a razão da implementação desta abordagem particular.

### *Por que criar a própria pesquisa?*

A outra especificidade desta abordagem do pesquisador consiste em criar sua própria pesquisa. Quando o pesquisador não dispõe de uma base de dados adequada, urge-lhe criar uma pesquisa “sob medida”. É notadamente o caso quando ele deseja estudar populações específicas ou quando ele necessita de variáveis precisas para suas análises. Esta postura é inevitável, notadamente quando ele se interessa por populações tendo características sociais pouco difundidas (os homossexuais)<sup>166</sup>, ou não possuindo existência administrativa (os ilegais ou as pessoas sem domicílio), ou ainda vivendo em zonas geográficas restritas (os habitantes do bairro do Mirail em Toulouse). Os dados dos grandes institutos de estatísticas estão efetivamente disponíveis em níveis regional e nacional. Obviamente, é possível extrair-se amostras fundadas em um critério geográfico mais específico, mas estas amostras frequentemente se revelam pouco representativas, em razão de seus efetivos insuficientes. Por outro lado, estes dados frequentemente são excessivamente gerais para o estudo de uma população precisa (uma profissão atípica, p. ex.) e, além disso, eles se baseiam em critérios administrativos, tais como a residência, o que complica, por exemplo, o estudo de populações sem domicílio. Conduzir sua própria pesquisa permite então remediar estas dificuldades e obter assim amostras adequadas a questões mais específicas. Se nos interessamos pelos desempregados, por exemplo, é possível extrair uma amostra de indivíduos da *Pesquisa sobre o emprego*, mas para estudar os assalariados despedidos de uma empresa particular<sup>167</sup>, ou os requerentes de emprego de uma região bem precisa<sup>168</sup>, a criação de uma amostra relativa a esta

---

166. FIRDION, J.-M. & VEDIER, É. *Homosexualités et suicide* – Études, témoignages et analyse. Lontblanc: H&O, 2003.

167. ROUPNEL-FUENTES, M. *Une rupture totale* – Le licenciement massif des salariés de Moulinex. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 2007 [Tese de doutorado].

168. LAZARFELD, P.; JAHODA, M. & ZEISEL, H. *Les chômeurs de Marienthal*. Paris: De Minuit, 1981.

mente para obter informações complementares, ou para vislumbrar eventuais evoluções, mas também para confirmar resultados oriundos da análise estatística. É o que confirmam algumas pesquisas posteriores. Assim, na obra *Le salarîé de la précarité* (O salariado da precariedade)<sup>170</sup>, Serge Paugam utilizou os dados de uma pesquisa qualitativa realizada em 1995 junto a uma amostra de 1.036 salariables divididos em cinco regiões de emprego, pesquisa que ele mesmo enriqueceu em 1998 com entrevistas junto a uma amostra de 83 salariables oriundos das mesmas empresas. A pesquisa qualitativa permitiu-lhe aprofundar os temas ligados às experiências vividas dos salariables e articular estes resultados com os da pesquisa por questionário. Urge, portanto, guardar em mente que existe uma temporalidade particular no processo de pesquisa, e que os dois métodos não são utilizados da mesma maneira. Mais ainda: os resultados obtidos graças a eles não possuem o mesmo estatuto.

### *O duplo estatuto dos materiais*

O material qualitativo tem um duplo estatuto. Já o dissemos, ele é primeiramente mobilizado ao longo da fase exploratória da pesquisa, com o objetivo de elaborar o questionário. As entrevistas semidiretivas são um revelador de determinadas problemáticas e servem para testar as questões suscetíveis de criar problemas por ocasião de sua aplicação. Quando nos interessamos por práticas dificilmente confessáveis (práticas sexuais, toxicomania, extremismo político etc.), é particularmente pertinente utilizar a abordagem qualitativa a fim de encontrar a melhor formulação possível para dirigir-se aos pesquisados. Por exemplo: antes de perguntar diretamente aos indivíduos se eles votaram na Frente Nacional (partido de extrema-direita na França) nas últimas eleições por meio de uma questão fechada, típica de um questionário, é sem dúvida mais pertinente utilizar a abordagem qualitativa para deixar o pesquisado exprimir suas opiniões, permitindo-lhe justificar suas posições. Esta etapa permite construir chaves de compreensão do voto de extrema-direita e reformular a questão de forma pertinente: no questionário, poderíamos, por exemplo, perguntar aos indivíduos o que eles pensam deste voto (“totalmente de acordo”, “antes de acordo”, “antes em desacordo”, “totalmente em desacordo”), o que lhes daria a oportunidade de se pronunciar indiretamente sem falar de seu próprio comportamento.

Por outro lado, a abordagem qualitativa torna possível considerar atitudes com as quais nunca teríamos sonhado sem um bom conhecimento do campo de pesquisa e da população. As respostas a determinadas questões parecem evidentes para o pesquisador, e ele nem sempre imagina que elas possam criar problemas por ocasião da aplicação do questionário em populações específicas.

---

170. PAUGAM, S. *Le salarîé de la précarité* – Les nouvelles formes de l'intégration professionnelle. Paris: PUF, 2000.

É exatamente o caso para uma questão como essa: “Você está otimista com o futuro?” Para o pesquisador, as três respostas “sim”, “não” e “não sei” exprimem o conjunto dos diferentes posicionamentos possíveis. Ora, o trabalho qualitativo de campo permite descobrir outra atitude: em determinadas culturas, não é possível pronunciar-se sobre seu próprio destino, e é então necessário acrescentar as modalidades “Se Deus quiser” ou “isso não depende de mim”.

Mas o trabalho etnográfico realizado ao longo desta primeira fase não é unicamente mobilizado por um objetivo exploratório. Ele é também integrado ao processo de pesquisa enquanto tal, e é objeto de uma análise etnográfica precisa. Deste modo, as entrevistas, por exemplo, são analisadas como instrumentos compreensivos da experiência vivida pelas populações estudadas<sup>171</sup>. Em suma, o trabalho qualitativo de campo é ao mesmo tempo útil para construir o questionário, mas igualmente para interpretar os dados oriundos destes últimos. Vale lembrar, para concluir, que duas entrevistas realizadas em momentos diferentes da pesquisa têm usos distintos. Feita no início da pesquisa, a entrevista possui um estatuto ao mesmo tempo exploratório e compreensivo. Mas, efetuada no final do processo de pesquisa, ela se torna verificativa sem deixar de ser compreensiva, e permite avançar na análise e fazer emergir novos questionamentos.

Reciprocamente, alguns elementos do questionário possuem um duplo emprego. É o caso das questões abertas que permitem obter informações úteis para reintegrar modalidades “esquecidas” no questionário e que dão chances às pessoas interrogadas exprimir-se e dar sua opinião sobre a questão posta. Em um questionário destinado aos marginalizados de centros de hospedagem de urgência, à questão: “Desde que você chegou aqui, você constatou outras evoluções do tipo de população que frequenta este centro?”, os pesquisadores coletaram, por exemplo, estas falas: “Antes eram mais mendigos, simpáticos, agora são pessoas que tiveram uma vida antes desta vida. Vemos que eles há pouco se tornaram pobres, que problemas recentes os colocaram na rua.” “Nenhuma mulher desde os inícios. Mais pessoas do Leste. Acolhida diferente da associação, já que a fila é menos densa, presença de guardas. Personalidade dos usuários que muda: não necessariamente a imagem do mendigo, enquanto pessoa des-socializada há muito tempo. Ali podem existir pessoas que trabalham mesmo frequentando o centro”<sup>172</sup>.

Estas respostas podem eventualmente ser recodificadas para se tornarem objeto de uma análise textual, mas é igualmente interessante cruzá-las com as entrevistas efetuadas antes e após a aplicação do questionário. Elas vêm efetivamente confirmar uma das hipóteses emitidas por ocasião da fase etnográfica da

---

171. SCHNAPPER, D. *La compréhension sociologique – Démarche de l'analyse typologique*. Paris: PUF, 1999.

172. LOISON, M. *Enquête auprès des personnes vivant à proximité des centres d'accueil et d'hébergement d'urgence en Île-de-France*, 2007 [Pesquisa não publicada].

pesquisa, a saber: que os marginalizados distinguem os velhos mendigos ociosos de antanho e os jovens SDF (sem domicílio fixo) de hoje que trabalham. Por outro lado, os dados estatísticos oriundos das questões fechadas podem, elas também, ser utilizadas de duas maneiras diferentes. Elas servem em primeiro lugar de dados de enquadramento: podemos assim comparar as rendas da população homossexual strasburguense aos do conjunto da população francesa para posicionar este grupo específico no espaço social. Em segundo lugar, os dados possuem uma função analítica: eles permitem estudar as diferenças de rendas no seio desta população homossexual, que depende das diferenças de consumo, de modo de vida etc. A comparação com dados nacionais permite dar outra amplitude e outro alcance mais geral à pesquisa (o que Greene et al. denominam “expansão”). Os dois métodos, qualitativo e quantitativo, dialogam, pois, entre si, e convidam o pesquisador a estar particularmente atento ao peso que ele acorda a cada um. Em articulando-os, ele também se torna sensível às especificidades metodológicas, aos seus aportes diferenciados, bem como à sua própria prática de campo.

### Os resultados

O interesse deste método “de dupla cabeça” é evidentemente o de aportar uma “dupla prova”, isto é, o de confirmar com um método os resultados oriundos do outro (“triangulação”)<sup>173</sup>. Mas toda utilidade da aliança reside também no fato que cada um dos métodos aclara os resultados obtidos com o outro (“complementaridade” e “desenvolvimento”)<sup>174</sup> e permite, pois, torná-la mais evidente. Por outro lado, esta metodologia favorece também um posicionamento científico mais “justo” em relação ao objeto de estudo, notadamente porque a confrontação dos resultados oriundos dos dois métodos pode levar o pesquisador a reconsiderar suas hipóteses e sua questão de partida (“iniciação”)<sup>175</sup>.

#### *A análise qualitativa aclara a análise quantitativa*

Para a análise dos dados quantitativos coletados, os conhecimentos qualitativos são de grande valia: são eles que fornecem as chaves de análises de determinados resultados que permaneceriam obscuros sem um bom conhecimento do campo e da experiência vivida das pessoas pesquisadas. “De fato as análises ditas ‘qualitativas’ ou, pior, ‘literárias’ são capitais para compreender, isto é, explicar completamente aquilo que as estatísticas apenas constatam, semelhantes

---

173. GREENE, J.C.; CARACELLI, V.J. & GRAHAM, W.F. “Toward a conceptual framework for mixed-method evaluation designs”. Op. cit.

174. Ibid.

175. Ibid.

às estatísticas de pluviometria”<sup>176</sup>. Por exemplo: sem este conhecimento do campo o sociólogo estatístico estudando os comportamentos dos marginalizados dos centros de hospedagem de urgência corre o risco de ter uma visão truncada da realidade social. A observação etnográfica dos bairros e as entrevistas junto aos marginalizados permitem apreender melhor a complexidade desta coabitação particular e entender que não é tão fácil viver nas imediações de tais estruturas: as populações acolhidas nestes centros são às vezes barulhentas, alcoolizadas ou agressivas, urinam nas ruas e ali “estacionam” tanto de dia quanto de noite. Este conhecimento do campo de pesquisa evita, pois, cair numa condenação unilateral da intolerância dos habitantes. Da mesma forma, a utilização única de estatísticas incita a apreender os ocupantes destes alojamentos insalubres como dominados e destituídos de qualquer margem de manobra. Ora, a abordagem qualitativa complexifica esta constatação, as entrevistas colocando em evidência que os mal-alojados não são desprovidos de estratégias<sup>177</sup>: alguns consideram, por exemplo, o alojamento insalubre como um meio para aceder ao alojamento social, já que as instituições concedem um novo alojamento prioritariamente aos habitantes dos imóveis mais degradados. Eles podem então usar deste argumento em suas relações com as instituições, isto é, inflectir suas opções residenciais em função das oportunidades. Os resultados do trabalho qualitativo aportam assim novos esclarecimentos que permitem interpretar e completar os dados estatísticos.

As entrevistas ajudam igualmente a compreender os resultados estatísticos que podem parecer contra intuitivos. No seio de um grupo de assalariados licenciados, uma análise a partir de um modelo de regressão logística mostra que “em igualdade de circunstâncias”, as pessoas desempregadas são menos propensas que as empregadas a abandonar sua região para encontrar trabalho, ou para buscar uma formação que melhor as qualifique. Este resultado aparentemente curioso, no entanto, pode ser facilmente interpretado graças às entrevistas. A mudança de residência representa para as pessoas desempregadas um duplo risco: o de um possível novo fracasso profissional e o de um desenraizamento que implica uma ruptura das relações sociais e familiares. Ao longo de uma entrevista, uma antiga operária desempregada confia: “Prefiro ficar por aqui [...], pois minha mãe, às vezes, necessita de mim, para se locomover; é que ela não tem carro. Eu fico por aqui, já estou acostumada aqui”<sup>178</sup>.

---

176. BOURDIEU, P. *Questions de sociologie*. Paris: De Minuit, 1984, p. 29.

177. DIETRICH-RAGON, P. “Tensions autour des procédures liées à l’insalubrité – L’exemple du saturnisme infantile”. Op. cit.

178. ROUPNEL-FUENTES, M. *Une rupture totale – Le licenciement massif des salariés de Moulinex*. Op. cit.